

DOMINGO XII DO TEMPO COMUM

CIC 852: o Espírito de Cristo sustém a missão cristã

852 *Os caminhos da missão.* «O protagonista de toda a missão eclesial é o Espírito Santo»¹. É Ele que conduz a Igreja pelos caminhos da missão. E esta «continua e prolonga, no decorrer da história, a missão do próprio Cristo, que foi enviado para anunciar a Boa-Nova aos pobres. É, portanto, pelo mesmo caminho seguido por Cristo que, sob o impulso do Espírito Santo, a Igreja deve seguir, ou seja, pelo caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação de si mesma até à morte – morte da qual Ele saiu vitorioso pela ressurreição»². É assim que «o sangue dos mártires se torna semente de cristãos»³.

CIC 905: evangelizar com o testemunho da vida

905 Os leigos realizam a sua missão profética também pela evangelização, «isto é, pelo anúncio de Cristo, concretizado no testemunho da vida e na palavra». Para os leigos, «esta acção evangelizadora [...] adquire um carácter específico e uma particular eficácia, por se realizar nas condições ordinárias da vida secular»⁴.

«Este apostolado não consiste só no testemunho da vida: o verdadeiro apóstolo procura todas as ocasiões de anunciar Cristo pela palavra, tanto aos não-crentes [...] como aos fiéis»⁵.

CIC 1808, 1816: o corajoso testemunho da fé supera o medo e a morte

1808 *A fortaleza* é a virtude moral que, no meio das dificuldades, assegura a firmeza e a constância na prossecução do bem. Torna firme a decisão de resistir às tentações e de superar os obstáculos na vida moral. A virtude da fortaleza dá capacidade para vencer o medo, mesmo da morte, e enfrentar a provação e as perseguições. Dispõe a ir até à renúncia e ao sacrifício da própria vida, na defesa duma causa justa. «O Senhor é a minha fortaleza e a minha glória» (*Sl* 118, 14). «No mundo haveis de sofrer tribulações; mas tende coragem! Eu venci o mundo!» (*Jo* 16, 33).

1816 O discípulo de Cristo, não somente deve guardar a fé e viver dela, como ainda professá-la, dar firme testemunho dela e propagá-la: «Todos devem estar

¹ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 21: AAS 83 (1991) 268.

² II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 5: AAS 58 (1966) 952.

³ TERTULIANO, *Apologeticum* 50, 13: CCL 1, 171 (PL 1, 603).

⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 35: AAS 57 (1965) 40.

⁵ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Apostolicam actuositatem*, 6: AAS 58 (1966) 843; cf. ID, Decr. *Ad gentes*, 15: AAS 58 (1966) 965.

dispostos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-Lo no caminho da cruz, no meio das perseguições que nunca faltam à Igreja»⁶. O serviço e testemunho da fé são requeridos para a salvação: «A todo aquele que me tiver reconhecido diante dos homens, também Eu o reconhecerei diante do meu Pai que está nos céus. Mas àquele que me tiver negado diante dos homens, também Eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus» (Mt 10, 32-33).

CIC 2471-2474: dar testemunho da verdade

2471 Diante de Pilatos, Cristo proclama que «veio ao mundo para dar testemunho da verdade»⁷. O cristão não deve «envergonhar-se de dar testemunho do Senhor» (2 Tm 1, 8). Em situações que exigem a confissão da fé, o cristão deve professá-la sem equívoco, conforme o exemplo de São Paulo diante dos seus juízes. É preciso guardar «uma consciência irrepreensível diante de Deus e dos homens» (Act 24, 16).

2472 O dever dos cristãos, de tomar parte na vida da Igreja, leva-os a agir como *testemunhas do Evangelho* e das obrigações que dele dimanam. Este testemunho é transmissão da fé por palavras e obras. O testemunho é um acto de justiça que estabelece ou que dá a conhecer a verdade⁸:

«Todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo de que se revestiram pelo Baptismo e a virtude do Espírito Santo, com que foram robustecidos na Confirmação»⁹.

2473 O *martírio* é o supremo testemunho dado em favor da verdade da fé; designa um testemunho que vai até à morte. O mártir dá testemunho de Cristo, morto e ressuscitado, ao qual está unido pela caridade. Dá testemunho da verdade da fé e da doutrina cristã. Suporta a morte com um acto de fortaleza. «Deixai-me ser pasto das feras, pelas quais poderei chegar à posse de Deus»¹⁰.

2474 A Igreja recolheu com o maior cuidado as memórias daqueles que foram até ao fim na confissão da sua fé. São as Actas dos Mártires, as quais constituem os arquivos da verdade escritos com letras de sangue:

«De nada me serviriam os atractivos do mundo ou os reinos deste século. Prefiro morrer em Cristo Jesus a reinar sobre todos os confins da terra. Procuvo Aquele que morreu por nós; quero Aquele que ressuscitou por nossa causa. Estou prestes a nascer...»¹¹.

«Eu Te bendigo por me teres julgado digno deste dia e desta hora, digno de ser contado no número dos teus mártires [...]. Tu cumpriste a tua promessa, Deus da fidelidade e da verdade. Por esta graça e por tudo, eu Te louvo e Te bendigo; eu Te glorifico pelo eterno e celeste Sumo-Sacerdote Jesus Cristo, Teu Filho muito-amado. Por Ele, que está contigo e com o Espírito, glória a Ti, agora e pelos séculos sem fim. Ámen»¹².

⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 42: AAS 57 (1965) 48; cf. Id., Decl. *Dignitatis humanae*, 14: AAS 58 (1966) 940.

⁷ Cf. Jo 18, 37.

⁸ Cf. Mt 18, 16.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 11: AAS 58 (1966) 959.

¹⁰ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos*, 4, 1: SC 10bis, p. 110 (FUNK, 1, 256).

¹¹ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Romanos*, 6, 1: SC 10bis, p. 114 (FUNK, 1, 258-260).

¹² *Martyrium Polycarpi*, 14, 2-3: SC 10bis, p. 228 (FUNK 1, 330-332).

CIC 359, 402-411, 615: Adão, o pecado original, Cristo, o novo Adão

359 «Na realidade, só no mistério do Verbo Encarnado é que verdadeiramente se esclarece o mistério do homem»¹³:

«São Paulo ensina-nos que dois homens estão na origem do género humano: Adão e Cristo... O primeiro Adão, diz ele, foi criado como um ser humano que recebeu a vida; o segundo é um ser espiritual que dá a vida. O primeiro foi criado pelo segundo, de Quem recebeu a alma que o faz viver... O segundo Adão gravou a sua imagem no primeiro, quando o modelou. Por isso, veio a assumir a sua função e o seu nome, para que não se perdesse aquele que fizera à sua imagem. Primeiro e último Adão: o primeiro teve princípio; o último não terá fim. Por isso é que o último é verdadeiramente o primeiro, como Ele mesmo diz: “Eu sou o Primeiro e o Último”»¹⁴.

402 Todos os homens estão implicados no pecado de Adão. É São Paulo quem o afirma: «pela desobediência de um só homem, muitos (quer dizer, a totalidade dos homens) se tornaram pecadores» (*Rm* 5, 19); «Assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte atingiu todos os homens, porque todos pecaram» (*Rm* 5, 12). À universalidade do pecado e da morte, o Apóstolo opõe a universalidade da salvação em Cristo: «Assim como, pelo pecado de um só, veio para todos os homens a condenação, assim também, pela obra de justiça de um só [Cristo], virá para todos a justificação que dá a vida» (*Rm* 5, 18).

403 Depois de São Paulo, a Igreja sempre ensinou que a imensa miséria que oprime os homens, e a sua inclinação para o mal e para a morte não se compreendem sem a ligação com o pecado de Adão e o facto de ele nos ter transmitido um pecado de que todos nascemos infectados e que é «morte da alma»¹⁵. A partir desta certeza de fé, a Igreja confere o Baptismo para a remissão dos pecados, mesmo às crianças que não cometeram qualquer pecado pessoal¹⁶.

404 Como é que o pecado de Adão se tornou o pecado de todos os seus descendentes? Todo o género humano é, em Adão, «*sicut unum corpus unius hominis* – como um só corpo dum único homem»¹⁷. Em virtude desta «unidade do género humano», todos os homens estão implicados no pecado de Adão, do mesmo modo que todos estão implicados na justificação de Cristo. Todavia, a transmissão do pecado original é um mistério que nós não podemos compreender plenamente. Mas sabemos, pela Revelação, que Adão tinha recebido a santidade e a justiça originais, não só para si, mas para toda a natureza humana; consentindo na tentação, Adão e Eva cometeram um *pecado pessoal*, mas este pecado afecta a *natureza humana* que eles vão transmitir *num estado decaído*¹⁸. É um pecado

¹³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

¹⁴ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermones* 117, 1-2: CCL 24A, 709 (PL 52, 520) [2ª leit. do Ofício de Leituras de Sábado da XXIX Semana do Tempo Comum: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 4, p. 440].

¹⁵ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 2: DS 1512.

¹⁶ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 4: DS 1514.

¹⁷ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Quaestiones disputatae de malo*, 4, 1, c.: Ed. Leon. 23, 105.

¹⁸ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1-2: DS 1511-1512.

que vai ser transmitido a toda a humanidade por propagação, quer dizer, pela transmissão duma natureza humana privada da santidade e justiça originais. E é por isso que o pecado original se chama «pecado» por analogia: é um pecado «contraído» e não «cometido»; um estado, não um acto.

- 405** Embora próprio de cada um¹⁹, o pecado original não tem, em qualquer descendente de Adão, carácter de falta pessoal. É a privação da santidade e justiça originais, mas a natureza humana não se encontra totalmente corrompida: está ferida nas suas próprias forças naturais, sujeita à ignorância, ao sofrimento e ao império da morte, e inclinada ao pecado (inclinação para o mal, que se chama *concupiscência*). O Baptismo, ao conferir a vida da graça de Cristo, apaga o pecado original e reorienta o homem para Deus, mas as consequências para a natureza, enfraquecida e inclinada para o mal, persistem no homem e convidam-no ao combate espiritual.
- 406** A doutrina da Igreja sobre a transmissão do pecado original foi definida sobretudo no século V, particularmente sob o impulso da reflexão de Santo Agostinho contra o pelagianismo, e no século XVI, por oposição à Reforma protestante. Pelágio sustentava que o homem podia, pela força natural da sua vontade livre, sem a ajuda necessária da graça de Deus, levar uma vida moralmente boa; reduzia a influência do pecado de Adão à de um simples mau exemplo. Os primeiros reformadores protestantes, pelo contrário, ensinavam que o homem estava radicalmente pervertido e a sua liberdade anulada pelo pecado das origens; identificavam o pecado herdado por cada homem com a tendência para o mal («concupiscência»), a qual seria invencível. A Igreja pronunciou-se especialmente sobre o sentido do dado revelado, quanto ao pecado original, no segundo Concílio de Orange em 529²⁰ e no Concílio de Trento em 1546²¹.
- 407** A doutrina sobre o pecado original – ligada à da redenção por Cristo – proporciona uma visão de lúcido discernimento sobre a situação do homem e da sua acção neste mundo. Pelo pecado dos primeiros pais, o Diabo adquiriu um certo domínio sobre o homem, embora este permanecesse livre. O pecado original traz consigo «a escravidão, sob o poder daquele que possuía o império da morte, isto é, do Diabo»²². Ignorar que o homem tem uma natureza ferida, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no domínio da educação, da política, da acção social²³ e dos costumes.
- 408** As consequências do pecado original e de todos os pecados pessoais dos homens dão ao mundo, no seu conjunto, uma condição pecadora, que pode ser designada pela expressão de São João «o pecado do mundo» (*Jo* 1, 29). Esta expressão significa também a influência negativa que as situações comunitárias

¹⁹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 3: DS 1513.

²⁰ II CONCÍLIO DE ORANGE, Canones 1-2: DS 371-372.

²¹ CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*: DS 1510-1516.

²² CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 5ª, *Decretum de peccato originali*, canon 1: DS 1511; cf. *Heb* 2, 14.

²³ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 25: AAS 83 (1991) 823-824.

e as estruturas sociais, que são o fruto dos pecados dos homens, exercem sobre as pessoas²⁴.

409 Esta dramática situação do mundo, que «está todo sob o poder do Maligno» (1 Jo 5, 19)²⁵, transforma a vida do homem num combate:

«Um duro combate contra os poderes das trevas atravessa toda a história dos homens. Tendo começado nas origens, há-de durar – o Senhor no-lo disse – até ao último dia. Empenhado nesta batalha, o homem vê-se na necessidade de lutar sem descanso para aderir ao bem. Só através de grandes esforços é que, com a graça de Deus, consegue realizar a sua unidade interior»²⁶.

410 Depois da queda, o homem não foi abandonado por Deus. Pelo contrário, Deus chamou-o²⁷ e anunciou-lhe, de modo misterioso, que venceria o mal e se levantaria da queda²⁸. Esta passagem do Génesis tem sido chamada «proto-Evangelho» por ser o primeiro anúncio do Messias redentor, do combate entre a Serpente e a Mulher, e da vitória final dum descendente desta.

411 A Tradição cristã vê nesta passagem um anúncio do «novo Adão»²⁹, que, pela sua «obediência até à morte de cruz» (Fl 2, 8), repara superabundantemente a desobediência de Adão³⁰. Por outro lado, muitos santos Padres e Doutores da Igreja vêem na mulher, anunciada no proto-Evangelho, a Mãe de Cristo, Maria, como «nova Eva». Ela foi a primeira a beneficiar, dum modo único, da vitória sobre o pecado alcançada por Cristo: foi preservada de toda a mancha do pecado original³¹ e, durante toda a sua vida terrena, por uma graça especial de Deus, não cometeu qualquer espécie de pecado³².

615 «Como pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos se tornarão justos» (Rm 5, 19). Pela sua obediência até à morte, Jesus realizou a acção substitutiva do Servo sofredor, que «oferece a sua vida como sacrifício de expiação», «ao carregar com o pecado das multidões», «que justifica carregando Ele próprio com as suas faltas»³³. Jesus reparou as nossas faltas e satisfez ao Pai pelos nossos pecados³⁴.

²⁴ Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Reconciliatio et poenitentia*, 16: AAS 77 (1985) 213-217.

²⁵ Cf. 1 Pe 5, 8.

²⁶ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 37: AAS 58 (1966) 1055.

²⁷ Cf. Gn 3, 9.

²⁸ Cf. Gn 3, 15.

²⁹ Cf. 1 Cor 15, 21-22.45.

³⁰ Cf. Rm 5, 19-20.

³¹ Cf. Pio IX, Bulla *Ineffabilis Deus*: DS 2803.

³² Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, canon 23: DS 1573.

³³ Cf. Is 53, 10-12.

³⁴ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 7: DS 1529.